

Crónicas da Terra Vermelha

Crónica nº 4

Maputo, 2-4 de Setembro de 2014



*Para eles a vida é uma bola de sabão navegando no dorso das ondas
(Paulina Chiziane)*

Ando a descobrir Paulina Chiziane e o seu livro *Niketche* sobre as mulheres de um homem polígamo, urbano, e das respectivas estratégias de solidariedade entre si. Segue um bocadinho só para saborearem:

“Vozes de crianças vogam no ar como papagaios ao vento, o filho de Luísa faz dois anos hoje: Os meus ouvidos enchem-se de sons suaves como flores caindo sobre a sepultura. Reunidas à volta de um bolo de creme, as crianças experimentam os acordes para ver até onde o timbre de voz pode chegar. Depois respiram fundo e inspiram ar puro. Os sons são mais fortes que o vento e tocam os pontos mais sensíveis do umbigo do céu. Para eles a vida é uma bola de sabão navegando no dorso das ondas, tudo é leve. Eles não sabem que tudo o que nasce morre. Que tudo o que cresce amadurece. (...)”

Daqui, da poeirenta cidade da Beira – a terra não é vermelha -, contemplo um oceano barrento e a “vida-a-vida” de sobrevivência que se prolonga também nesta capital da província de Sofala no litoral-centro de Moçambique. No “dorso das ondas” pesca-se à rede peixe pequeno e breve, alimento para o quotidiano de muitas famílias que não se podem dar ao luxo de comer peixe graúdo, que esse é bem vendido nos mercados... A meio da tarde a maré sobe, o mar fica azul acinzentado e a água morna convida a um mergulho. Regressei ontem de madrugada. Os voos da LAM são um pouco... imprevisíveis, digamos mansamente! Algumas tonalidades cinzentas nesta crónica, mas não seria fiel aos meus leitores se não as assinalasse.

Lamento o atraso – insistentemente sublinhado por alguns/mas leitores/as - dado o meu não-acesso ao computador ou à *internet* durante estes 5 últimos dias. A Beira é uma cidade lindíssima, toda espraiada à beira-mar, enormes avenidas tecidas com moradias do tempo colonial mas – tal como as de Maputo – abundantemente bordadas a ferro forjado para impedir a entrada de ladrões... algumas parecem mini-prisões, o que é uma pena. Das avenidas circulares caminha-se por breves ruas bordejadas de árvores até ao degradado centro histórico: a ausência de cuidado com o espaço público, a sujidade, a poluição, o vento que traz a areia misturada com vidros de garrafas de cerveja para os passeios esburacados... Se quero ser honesta, só posso afirmar alguma tristeza ao constatar este quadro e a Ábida, com quem fui à Beira, corrobora e... franze o sobrolho no seu olhar *contundente* enquanto resmunga alto – *este Moçambique! Este Moçambique!*... E depois, gente, gente, imensos jovens, crianças, mulheres tocando não sei quantas tarefas ao mesmo tempo para garantirem a subsistência das respectivas famílias, mercados de rua em todo o lado que, quando se desmancham ao fim do dia, deixam as ruas atapetadas de lixo... O quadro pareceu-me pior do que em Maputo, mas talvez esta experiência tenha sido avolumada porque calcorreámos a cidade a pé. Também andámos nos “chapas” pejados de gente para regressar a casa, mas íamos optando pelos *tuk-tuk’s* (máximo 3 lugares) – aqui chamam-se *txopelas* - que circulam rapidamente entre um infernal trânsito, presenteando-nos com muita adrenalina, tosse, pó e vento... Ficámos alojadas na casa de umas divertidas irmãs ursulinas italianas, o café da manhã era delicioso – disso não se privam... – a moradia simples e bem cuidada com uma horta orgânica que nos presenteou com saladas bem fresquinhas.

Depois respiram fundo e inspiram ar puro.

Caminhávamos nós a pé pela rua onde se situava a catedral quando sentimos cair-nos um *plof* esbranquiçado e viscoso: olhei para a Ábida: tinha o magnífico entrançado do cabelo semeado de um violento, abundante e súbito cocó de pássaro que se esparramou pelos jeans lavadinhos. A julgar que tinha sido poupada, vejo a Ábida em gargalhadas: a minha teeshirt azul clarinha estava às pintinhas brancas, os shorts beije pareciam ter manchas de lixívia e a ponta do meu proeminente nariz com um derrame final... branco! Olhámos para cima (os olhos protegidos pelos óculos de sol): nas árvores de pequeno porte e copa frondosa – não, não eram acácias, vos garanto, mas não conseguimos saber o nome! – habitavam dezenas de ninhos e, nestes, entretinham-se centenas de pássaros brancos – *inguaías* - a mandar as suas abundantes “pestilências” cá para baixo, para as inocentes e inadvertidas transeuntes: de tanto olhar para o chão a fugir dos buracos e da areia que se instalava dentro das sandálias “distraímos-nos” de olhar para o “alto” e eis o que nos caiu em cima!... Mas o tocante foi o que aconteceu esta manhã quando, divertida, contava esta aventura à Dona Flávia que a partir das 6.30 da manhã entra na casa do Graal para lavar a roupa e limpar a casa (sai de casa às 4.30 da manhã para entrar no “chapa” das 5.00, deixando os quatro filhos mais ou menos entregues a si próprios). Dona Flávia riu-se com os seus olhos divertidos e inocentes e com clareza afirmou: *Foram abençoadas pelos pássaros!!!!* Nunca me imaginaria a considerar este incidente uma bênção: só a criatividade, o humor e a sabedoria profunda desta linda e simples mulher arranjou uma explicação “transcendente” para tão inesperado evento!

Reunidas à volta...

Na Beira fiz mais uma vez uma sessão sobre Teresa de Ávila para as “mamãs” da Legião de Maria. Apareceram nada mais que 50! Usei um pilão e duas velas acesas para as introduzir às “Sete Moradas” e enunciaram muitas das “pestilências” que nos podem impedir de passar da 1ª morada. Palmas e *tri-tri-tris* bem dispostos de cada vez que uma acertava em cheio... Acabámos a dançar dentro da igreja, como não podia deixar de ser... Tivemos também um dia de trabalho e reflexão com o emergente grupo de jovens estudantes do Graal. Como sempre, alegria, criatividade, sentido de compromisso e interesse em conhecer melhor o Graal.

Os sons são mais fortes que o vento e tocam os pontos mais sensíveis

do umbigo do céu.

A Ábida é uma mulher única no Graal em Moçambique. Dedicada, eficaz, encarnando bem a *Visão* do Graal, avança qual *buldózer* contra ventos e marés, desafiando o ritmo mais ou menos relaxado dos seus concidadãos – não há dúvida que aqui a concepção de tempo e espaço é outra -. Mas a sua inteligência fina tem na ponta da língua uma forma desconcertante de “desconstruir” os modos dos seus “irmãos”, “irmãs”, “mamãs” – como ela diz afectuosamente -, interpelando-os a uma análise crítica de si próprios... - pode ser que fique alguma coisa, diz ela, não desistindo da sua função “educadora” muito à maneira de Paulo Freire e da formação que recebeu no “Training for Transformation”. Como os meus leitores podem imaginar, ao lado, solto sonoras gargalhadas porque não “ouso” nem sou capaz de fazer a mesma coisa, mas ela tem toda a razão... Ao ler uma das minhas crónicas aproveitou para me corrigir: “Ticha, então não viste ainda que em Moçambique se diz *palhota* e não *cubata*? A cubata é angolana! *Sorry*, Ábida, mais um atropelo cultural...”

Os meus ouvidos enchem-se de sons suaves como flores caindo sobre a sepultura

Um verdadeiro evento da semana passada foi o lançamento do livro da Maria Carlos escrito com base em depoimentos sobre Monsenhor Mabuiangue. Dado o cancelamento por causa de um *falecimento*, como aqui dizem, o lançamento foi adiado e a Maria Carlos não pôde estar. Estivemos lá nós. Uma decoração à maneira de Moçambique: capulanas, laços, gazes, plantas. Lindo! Tudo a começar com o inevitável atraso mas não me preocupo: tenho o tempo todo e olhos para ir observando o que se passa à minha volta. Uma mesa repleta de autoridades eclesíásticas e políticas, uma mulher no meio: a Sara Jona que fez uma absolutamente brilhante apresentação do livro. O “Monsenhor” foi o responsável por toda a inculturação da igreja moçambicana, devolvendo-a à sua raiz africana e integrando as línguas e ritmos locais. Tinha lido o livro antes de vir, depoimentos fascinantes trazidos e analisados pela “pena” sensível e amiga da Maria Carlos. Apesar de já *falecido* – aqui em Moçambique qualquer *falecimento* é um momento em que se toleram ausências ao trabalho ou a outros compromissos porque há que apoiar a família – este padre absolutamente brilhante teve realmente um papel decisivo na igreja pós-conciliar de Moçambique. Conheci o ex-presidente Joaquim Chissano que também lá esteve, enquanto amigo do “Monsenhor”. Como disse, tenho andado a ler o livro dele, e pedi à Sara Jona para me arranjar um pretexto para eu o cumprimentar. Homem interessante, atento – as fotografias abaixo são elucidativas desta alegria e honra que tive.



para ver até onde o timbre de voz pode chegar

Acabo de regressar de uma visita à Escola Portuguesa de Maputo – o dossiê ainda me passou pelas mãos quando era directora-geral do Ensino Básico. Magnífica escola dirigida, no entanto, às elites portuguesas, locais e estrangeiras, mas um trabalho cultural interessante, aqui em Maputo. Mas consome-me pensar no estado da escola pública – visitei a escola primária do bairro 25 de Julho onde fiz um workshop com professores sobre “literacias”... disseram-me que não era a pior escola... Mais importante do que tudo parece-me importante investir na formação dos professores... mas será sempre um processo muito lento. À *propôs*, para quem me perguntou, a palestra na Universidade Politécnica correu bem (parece-me!), anfiteatro repleto, presença de representantes da Universidade Pedagógica e da Universidade Eduardo Mondlane. Encontrei uma ex-aluna minha, educadora na escola portuguesa... não me lembrava de que ela é moçambicana. A ideia de “pedagogia de fronteira”, que usei na lição de agregação, foi muito bem aceite – e faz sentido aqui... - . Anotei o pedido insistente que continue a pensar e publique. Apetece, depois desta experiência de *fronteira*. A ver vamos, com o tempo...

Só quero poder regressar a Moçambique. Apesar de algumas tonalidades cinzentas, a balança pesa para o colorido do arco-íris. Não, as “elites” não vão para a escola pública. A segregação existiu no tempo colonial, é um facto. Mas a segregação re-instala-se de formas mais subtis e sub-reptícias sob o manto da democracia. Começou no domingo a campanha eleitoral que termina com as eleições de 15 de Outubro: governo e partidos na rua, país detém-se, as ruas inundam-se e sujam-se ainda mais de cartazes. Paquistaneses, chineses, indianos, esses não param, e vão colhendo dividendos: soube pelo bispo da Beira que há crianças e jovens que são vendidos pelas famílias e enviados para escolas fundamentalistas islâmicas: regressam a Moçambique com o cérebro “lavado”. As consequências são imprevisíveis e os cidadãos locais preocupam-se.

Na 6ª feira Gebuza e Daklahama vão apertar as mãos, selando o acordo. Moçambicanos regozijam-se com a paz com um misto de cepticismo: *para [as crianças] a vida é uma bola de sabão navegando no dorso das ondas*. Para nós? Poderemos *navegar no dorso das ondas*? Desejo tal coragem para os moçambicanos, especialmente para as mulheres moçambicanas: nelas encontrei o vermelho da luta, o amarelo do sol, o verde da esperança e o azul da serenidade. O *cinzento*? Deixá-lo ir com as ondas....

Do poeta moçambicano Juvenal Bucuane:

*A poesia fica à mão,
No movimento das pessoas que nos circundam;
Nos cheiros que o vento transporta;
Na interacção quotidiana das gentes;
Na hospitalidade dos que nos acolhem;
Na solidariedade dos que sentem como nós (...);
No sopro vivo das coisas à volta;*

*No cheiro bom da terra quando chove;
Nos saís da terra que nos alimentam (...)*

Deixo-vos porque estou de regresso. Abraços “moçambicanamente” abertos!

Ticha